



Trabalho em rede para a territorialização da agroecologia no Centro Oeste.

Networking for the territorialization of agroecology in the Midwest.

BATISTA, Ana Emília Rocha¹; BOLBA, Anna Caroline²; LEANDRO, Wilson Mozena³; ZANG, Warde Antonieta⁴.

¹ Universidade Federal de Goiás, inspira.motiva.acao@gmail.com; ² Universidade Federal de Goiás, ac.bolba@gmail.com; ³ Universidade Federal de Goiás, wilsonufg@gmail.com ; ⁴ Instituto Federal de Goiás, warde@quimica-industrial.com.

Eixo temático: Construção do conhecimento Agroecológico e dinâmicas comunitárias

Resumo: O presente trabalho é resultado da integração de projetos de ensino pesquisa e extensão, com o objetivo de demonstrar que redes de articulações agroecológica podem contribuir com a territorialização e valorização do conhecimento de diferentes povos e Natureza. Foram propostas ações técnico-produtiva e sociopolítica em torno do manejo ecológico dos recursos naturais através de encontros, seminários, oficinas, mutirões e caravanas agroecológicas, propondo sinergias entre as organizações que defendem a sociobiodiversidade com agroecossistemas de base agroecológica em cenários políticos adversos. Percebe-se a importância da rede para o estabelecimento de contato e articulação entre os núcleos, troca de saberes entre alunos, professores e camponeses, assim como, saber da realidade estabelecida no Campo e seus conflitos, de maneira que, venha para somar na construção do conhecimento e da cultura Agroecológica no Bioma Pantanal e Cerrado.

Palavras-Chave: Território; Cerrado; articulação, Núcleos.

Keywords: Territory; Savana; articulation. Nexus.

Contexto

A história da humanidade pode ser analisada partindo da relação de mulheres e homens com a busca de sobrevivência, de sua proteção e sua alimentação. Nos primeiros períodos do surgimento da raça humana foi necessário ter um corpo forte para sobreviver, caçar e proteger a prole. Aos poucos, esses corpos passam a ser compreendidos para além da busca por subsistência e sobrevivência. Estabelece-se vínculos, famílias, responsabilidades; é neste ponto que a produção de alimentos se inicia e também a concepção de Território como afirma Raffestin (1993),

O território não poderia ser nada mais que o produto dos atores sociais. São eles que produzem o território, partindo da realidade inicial dada, que é o espaço. Há portanto um “processo” do território, quando se manifestam todas as espécies de relações de poder[...] (p. 7-8).

A agricultura é uma atividade em constante evolução, tendo passado historicamente por várias revoluções que culminaram nos sistemas alimentares do presente. O homem deixa pra trás o período paleolítico, no qual a caça e a coleta eram as



principais fontes de alimentação e se envolvem, de acordo com Campos e Miranda (2005), com a revolução neolítica. Neste período, a produção de alimentos por meio da agricultura revolucionou todo o modo de vida desses homens e mulheres, criaram-se as primeiras aldeias, armazenaram os cereais e a carne caçada e, entre as tantas mudanças, domesticaram plantas e animais; esta nova relação foi chamada de Revolução Agrícola (CAMPOS; MIRANDA, 2005). Deste modo, a apropriação de territórios, o sentimento de posse, a noção de espaço e as relações de poder vão sendo estabelecidas. Surgem as cidades, a reserva de água e toda uma estrutura de desenvolvimento que abre portas para as demarcações de atividades, territórios, trabalhos e corpos.

Os espaços tomam outras características, o tempo é cronometrado, redes de convivência são estabelecidas e, ao chegar à modernidade, as relações de poder e a racionalização na interação homem-mulher-natureza é tida como base estrutural para a existência da vida. Os saberes tradicionais se perdem, o modelo de trocas e escambos tomam outros rumos, nos tornamos dependentes em quase tudo. O modelo de agricultura industrial, denominado de revolução verde segundo MAZOYER e ROUDART (2010) transforma a sociedade de uma forma das mais dramáticas e catastróficas.

Na dialética desta tendência surgem os movimentos de agricultura alternativa, que segundo Toledo e Barrera-Bassols (2015) defendem as práticas de “cultivar as sabedorias”, como “tarefas urgentes que cobram um enfoque científico pautado por uma epistemologia fundada no diálogo de saberes. Posteriormente estes movimentos foram designados como Agroecologia.

Deste modo, a perspectiva agroecológica dá-se por sua forma integral de ver a relação homem-mulher-natureza, no qual os seres humanos estariam aptos a modos de produção de alimentos, de relações e consumos baseados na troca justa, diferentemente dos sistemas agroindustriais (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015). A preservação do espaço onde se vive está diretamente relacionada à conservação do mesmo, logo, nesta perspectiva, se falarmos de nossas terras cerradeiras, a defesa do cerrado seria também defender as pessoas que se inserem ali, contrariamente a intensa exploração dos recursos naturais tão presentes nessas terras. Trabalho em rede para a territorialização, na contemporaneidade constitui a estratégia de resgate destes saberes milenares e de transformação as sociedades nos biomas Cerrado e Pantanal.

Descrição da Experiência

De forma qualitativa este trabalho se propôs a investigar as experiências das redes agroecológicas no Centro-Oeste, com o intuito de relatar a construção e a importância do espaço interativo entre os grupos de uma região. A ideia é que essas redes se fortaleçam para que a construção em diálogo seja constante. Compreende-se também que as construções subjetivas dos indivíduos envolvidos vão tomando forma junto a esse processo de experiência agroecológica, instituindo vínculos e trajetórias singulares.



A Rede Agroecologia Centro Oeste tem caráter regional e busca integrar-se com a comunidade científica nacional e internacional, surgiu com a atuação de alguns núcleos que através de projetos de financiamento, começaram a trabalhar a Agroecologia através do ensino, pesquisa e extensão. Hoje é composta por integrantes de movimentos sociais, docentes, extensionistas, estudantes técnicos, Organizações não Governamentais (ONGs) e vem buscando cumprir um importante papel de diálogo entre os conhecimentos acadêmicos com os saberes populares com referência na concepção de prática, movimento e ciência da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA).

Desse modo, compreende-se a importância de se fomentar o debate Agroecológico em uma região de extrema relevância ambiental, onde o Agronegócio se expande com toda voracidade, como afirma Lapola et al.(2014):

Grande parte da expansão agrícola ocorrida na última década deu-se sobre áreas de Cerrado, considerado a principal fronteira agrícola no país hoje. Além da perda de biodiversidade, o desmatamento é responsável também pela maior proporção da emissão de gases estufa no Brasil.

É importante compreender que os impactos ambientais provenientes das atividades agropecuárias desenvolvidas no Cerrado, baseadas no modelo de incorporação capitalista, afetam a vegetação, a fauna, o solo, os recursos hídricos, os povos que vivem e sempre viveram neste Biomaterritório, eles resultam em uma perda significativa para a sociedade, do ponto de vista da biodiversidade, da cultura e de seus recursos naturais. Chaveiro e Barreira, (2010) ao colocarem que:

Integrar essas perspectivas supõe compreender que não basta identificar as suas características físicas ou naturais, como os tipos de seus solos, as formas de seu relevo, a sua potência hídrica, as suas fitofisionomias etc. Além das identificações e classificações torna-se salutar averiguar o modo como esse ambiente heterogêneo é apropriado, usado e impactado por um tipo de modelo econômico. Cabe, também, verificar quais são os atores que se beneficiam do uso do Cerrado. Da mesma maneira, é necessário compreender as estratégias de uso, o papel da logística espacial ou da infraestrutura, suas diferenciações regionais etc. como componentes importantes para elucidar conflitos, contradições e problemas ambientais decorrentes do processo de ocupação atual (p.16).

Sendo assim, se faz necessária a criação de estratégias para que se diminua a barreira entre Campo e Cidade, repensando a relação com a terra, a autonomia do produtor rural, as novas formas de comércio, visando a conservação do Cerrado conjuntamente ao desenvolvimento econômico, relação igualitária entre os gêneros, dentre outras estratégias. Maronhas, Schottz e Cardoso afirmam que:

a Agroecologia é um campo de conhecimento que articula e integra saberes populares e científicos, bem como aceita o desafio de produzir



novos conhecimentos a partir desse encontro. Dessa forma é um novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. Esse campo, a partir de seus princípios e de suas experiências concretas, aponta a necessidade de construção de relações mais igualitárias e equitativas com o outro, seja este outro ambiente ou outro ser humano (2014, p. 375).

Conciliar a importância de vivenciar a contemporaneidade aos saberes antigos, promove maior diálogo entre as práticas reais e históricas do modo como a produção de alimento e de modos de vida são experienciados em nosso século atual, hesitante na lógica patriarcal, colonial e coronelista. Trata-se de uma experiência racionalista para com a economia operacionalizada pelo lucro, visando grande escala de produção, o que desencadeia a competição e o individualismo, “rotulando como *atrasadas* todas as visões e vivências incongruentes com o paradigma agrícola *moderno*” (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015, p.11).

Visando uma nova forma de se relacionar com o meio, que os grupos de Agroecologia articulam suas ações, através de trocas de experiências, calendários coletivos, mapeamento de novas práticas, reencontros em eventos e congressos, traçando objetivos para que a Agroecologia se fomente e ganhe força nos espaços.

Resultados

Adotar a abordagem territorial com enfoque agroecológico se justifica com estratégia de apoio ao desenvolvimento rural se justifica pelas seguintes razões: O rural não se resume ao agrícola. Mais do que um setor econômico, o que define as áreas rurais enquanto tal são suas características espaciais: o menor grau de artificialização do ambiente quando comparado com áreas urbanas, a menor densidade populacional, o maior peso dos fatores naturais. A escala municipal é muito restrita para o planejamento e organização de esforços visando à promoção do desenvolvimento.

Os Grupos que compõe a Rede vêm propondo de maneira coletiva, a aproximação entre campo e cidade, através de feiras, com a comercialização de produtos Agroecológicos produzidos por integrantes da reforma Agrária ao público da Cidade. As feiras Agroecológicas estão acontecendo uma vez por mês em alguns espaços das Instituições de Ensino, Pesquisa e Extensão e contribuem para o encurtamento da cadeia de produção, as feiras Agroecológicas são importantes meios de diálogo com a população as oportunizando de consumirem alimentos saudáveis e conhecerem a realidade socioeconômica dos produtores, contribuindo com a economia justa e com o meio ambiente.

Outro fruto dessa articulação em Rede foi a construção das Caravana Agroecológica e Cultural do Centro Oeste cujo tema em 2019 foi “A Defesa do Cerrado”, com o ponto de culminância na Cidade de Goiás. Percebe-se a importância da mesma para o estabelecimento de contato com outros núcleos, troca de saberes entre alunos, professores e produtores, assim como, saber da realidade estabelecida no Campo e



seus conflitos, de maneira que, venha para somar na construção do conhecimento e da cultura Agroecológica.

Referências bibliográficas

CAMPOS, F.; MIRANDA, R. G. **A escrita da História**. São Paulo: Escala Educacional, 2005.

CHAVEIRO, E. F, e BARREIRA, C. C. M. A. Cartografia de um pensamento de Cerrado. In: PELÁ.

M. e CASTILHO, D. **Cerrados**. Goiânia: Editora Vieira, 2010. p 15 – 33.

Lapola, D.M et al. **Pervasive Transition of the Brazilian Land-use System**. **Nature Climate Change**, 2014, 4:27-35.

MARONHAS, M.; SCHOTTZ, V.; CARDOSO, E. AGROECOLOGIA, TRABALHO E MULHERES: Um olhar a partir da Economia Feminista. **18º REDOR**. Novembro, 2014, p. 3751-3762.

MAZOYER, M.; ROUDART, L. **História das Agriculturas do Mundo: do Neolítico à Crise Contemporânea**. Trad. Cláudia F. Falluh Balduino Ferreira. São Paulo/Brasília: Edunesp/NEAD/MDA, 2010, 568p.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, J. F.; BRIDGEWATER, S.; RATTER, J. A.; SILVA, J. C. S. **Cerrado Ecologia, Biodiversidade e Conservação**. Ocupação do Bioma Cerrado e Conservação da sua diversidade vegetal, 2005, Cap.23.pg.388.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A Memória Biocultural: A importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.